SEC. XIV.

ainda hoje regem desgraçadamente entre nós, alteraram-o deste modo [1]: «Quando os que compram escravos, ou bêstas os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras.»

Em nosso entender, os escravos africanos foram levados ao Brazil desde sua primitiva colonisação; e naturalmente muitos vieram com seus senhores a bordo dos primeiros navios que aqui aportaram, comprehendendo os da armada de Cabral. Porêm a verdadeira introducção dos escravos de Guiné, e depois de quasi toda a Africa, isto é, do trafico em ponto maior, proveiu, em primeiro logar como fica dito, de se haver promulgado como illegal a escravatura india, com raras excepções, das quaes se os poderosos abusavam [2] outros se arreceavam, só para não virem a achar-se no caso de ter que pleitear o seu direito. Em segundo logar proveiu de se haver ja nas Antilhas conhecido por experiencia que os Africanos eram mais fortes e resistiam mais ao trabalho aturado do sol do que os Indios. Os engenhos de assucar necessitavam, é verdade, arduo trabalho; mas talvez teria havido modo de não dar apezar disso tanta latitude á introducção dos Africanos, ou de se haver aberto mão á cultura da cana.

Parece que ninguem se lembrou de fazer no Brazil, onde a natureza é tão fecunda que permitte conseguir talvez resultados iguaes aos de outros paizes com metade do trabalho, que ninguem se lembrou, dizemos, de que bastava que os colonos ou os Indios trabalhassem nas lavouras no verão desde as cinco até ás oito ou nove da manhã, e desde as quatro ou cinco até ás seis e meia da tarde, descançando assim, ou empregando-se em casa, durante as sete horas mais calorosas do dia.

O direito da ciza dos escravos foi na metropole arrematado por contracto; e a um pedido de Duarte Coelho para introduzir livres certo número delles (não sabemos se Indios, se Africanos) respondeu-lhe o rei que não lh'a podia dar, em quanto o prazo do tal contracto não expirasse.

Como a colonisação africana, distincta principalmente pela sua côr; veiu para o diante a ter tão grande entrada no Brazil que se póde considerar hoje como um dos tres elementos de sua população, julgamos do nosso dever con-

[1] Liv. 4, tit. 17.

[2] Veja-se o testamento de Jeronymo d'Albuquerque.

SEC. XIV.

sagrar algumas linhas neste logar a tratar da origem desta gente, a cujo vigoroso braço deve o Brazil principalmente os trabalhos do fabrico do assucar, e modernamente os da cultura do caffé; mas fazemos votos para que chegue um dia em que as côres de tal modo se combinem que venham a desaparecer totalmente no nosso povo os caracteristicos da origem africana, e por conseguinte a accusação da procedencia de uma geração, cujos troncos no Brazil vieram conduzidos em ferros do continente fronteiro, e soffreram os grilhões da escravidão, embora talvez com mais suavidade do que em nenhum outro paiz da America, começando pelos Estados Unidos do Norte, onde o anathema acompanha não só a condição e a côr, como a todas as suas gradações; sendo neste ponto, como em outros muitos, a nossa monarchia mais tolerante e livre que essa arrogante republica, que tanto blasona de suas instituições liberrimas, e cujo aristocratico cidadão não admitte a seu lado nas reuniões politicas, nem nas civis e sociaes, o pardo mais claro, por maiores que sejam seus talentos e virtudes.

Não é nosso intento entrar aqui em explicações anatomicas sobre a apparencia physica dos povos d'Africa; nem nos interessa agora indagar como a pelle parece negra, como o cabello se apresenta em fórma de carapinha (o que aliás não é symptoma infallivel das raças negras), nem qual seja a theoria dos angulos *faciaes*, tudo o quê deve ainda ser submettido a novas observações para dar resultados seguros e simples, capazes de serem aproveitados em uma historia civil.

Tão pouco temos por essencial darmos [1] um extenso catalogo das differentes nações de raça negra, que os nossos colonos preferiram nesta ou naquella epoca, e para esta ou aquella provincia. Pode-se dizer que a importação dos colonos negros para o Brazil, feita pelos traficantes, teve logar de todas as nações, não só do littoral d'Africa que decorre desde o Cabo-Verde para o sul, e ainda alêm do Cabo da Boa Esperança, nos territorios e costas de Moçambique; como tambem não menos de outras dos sertões que com ellas estavam em guerra, e ás quaes faziam muitos prisioneiros, sem os matarem. Nessas nações a liberdade indi-

[1] Seguindo a Prichard, que acredita demasiado a Oldendorp.

SEC. XIV.

vidual não estava assegurada; pelo que os mais fortes vendiam os fracos, os pais os filhos, e os vencedores, com muita maior razão, os inimigos vencidos. Assim ainda passando taes gentes ao Brazil, com as condições da escravidão romana; isto é, de serem coisa venal ou bem movel, melhoravam ellas de sorte; bem que o acto de os escravisar era injusto, principalmente por não ser emprehendido por idéa alguma philantropica, e pelo contrario dar em resultado um insulto á humanidade, pelo ataque feito a um tempo ao individuo, á familia e ao estado donde eram arrancados.

A fecundidade dessas raças em seus paizes era tal que permittiria até povoar o orbe todo de negreria, se de todo o orbe partissem navios por colonos dellas.

Estes povos pertencentes em geral á região que os geographos antigos chamavam Nigricia, distinguiam-se sobretudo pela facilidade com que supportavam o trabalho no littoral do Brazil, facilidade proveniente da sua fôrça physica, da semelhança dos climas, e não menos de seu genio alegre, talvez o maior dom com que a Providencia os dotou para supportar a sorte que os esperava; pois que com seu canto monotono, mas sempre afinado e melodioso, disfarçam as maiores penas.

Dos mencionados povos negros, alguns havia com ideas religiosas de islamismo, e até ja de christianismo, em virtude da visinhança dos estabelecimentos e feitorias dos Europeos; mas pela maior parte eram gentios ou idolatras: em geral andavam nús; lavavam-se a miudo; e, muitos delles em pequenos golpeavam a cara por distinctivo de nação.—Alguns adoravam idolos, outros animaes; acreditavam estes em quigilas e feitiços, aquelles faziam sacrificios e offertas aos que tinham bastante charlatanismo para se inculcarem por seus sacerdotes.

Da Africa não recebemos só colonos africanos captivos. Ao trato de nossos navios em alguns de seus portos devemos acaso o monjôlo,[1] pilão que usava talvez a nação monjôla. Ao mesmo trato devemos tambem a introducção de algumas plantas, como dos quingombós, quiabos e

[1] Até hoje não nos tem sido possivel averiguar bem o facto de se é africana ou asiatica esta machina, inteiramente primitiva. Se é asiatica seria introduzida em Santos por Braz Cubas, pois de seu monjolo veiu o nome que primitivamente teve o local que serviu de assento a essa cidade, de Enguá—guaçú—ou Pilão grande.

maxixes, do feijão preto, do capim de Angola, dos guandús e da malagueta, bem como de algumas comidas e *quitutes* conhecidos com nomes africanos, sobretudo na Bahia. A bebida do aloá pode ser introducção da Asia, mas alguns a teem por africana. São tambem d'Africa as palavras quitanda, quenga, senzala, côco, macaco, papagaio, e outras muitas admittidas até na Europa. SEC. XIV.

Se os colonos escravos africanos concorriam a augmentar a riqueza pública com o seu trabalho, por outro lado pervertiam os costumes, por seus habitos menos decorosos, seu pouco pudor, e sua tenaz audacia. A escravidão, como ella foi admittida entre nós, alheia á ternura da familia, endurece o coração dos escravos, os quaes não querem ganhar inclinações que de um a outro momento lhes sejam contrariadas, nem podem interessar-se tanto pela prosperidade de seu proprio senhor; visto que d'ella nada lhes cabe em sorte, desde o dia em que passam a outro dono.

Apezar disso é certo que o melhor amigo que tem o bom escravo é geralmente o seu amo e senhor. Não só por um lado a opinião e a religião o obrigam a não ser despotico e cruel, como o aconselha a isso o individual interesse;—o instinctivo amor da propriedade. De modo que se pode afoutamente assegurar que a não encontrar dono,—a não passar a ser no Brazil escravo o colono negro boçal que chegava d'Africa, sem protector algum natural, sem uma enchada sequer de seu com que revolvesse a terra, sem ninguem interessado a entendel-o nas queixas de seus soffrimentos, devia perecer á mingua. O mesmo succederia ainda hoje a muitos delles se momentaneamente os libertassemos, antes de os ir preparando para com o tempo fazer a seus descendentes o bem que seja compativel, em relação ao Estado e á familia.

Deixemos porêm estas digressões que se referem a males bastante radicaes e perniciosos ao paiz, quaes são os de ter todavia por muito tempo que lutar contra o cancro d'uma escravidão estrangeira, e contra a insubordinação armada de alguns districtos ainda no estado selvagem, e passemos a apreciar outros vicios e miserias que tendo como tiveram melhor cura e remedio, eram os que na in-

SEC. XIV.

fancia de todas as nossas capitanias, pareciam ameaçal-as de perigos mais imminentes.

Provinham estes perigos:

1.° Da extraordinaria desmoralisação a que tinham chegado principalmente as colonias do Espirito Santo, Ilheos, Itamaracá e Bahia (antes de perder-se); duas das quaes quasi que se haviam convertido em valhacouto de contrabandistas;

2.° Da insubordinação e irreligiosidade que ia lavrando em todas as outras, em consequencia dos degradados que choviam da mãe patria;

3.° Das expedições francesas, cada vez mais ameaçadoras.

O primeiro destes males, a desmoralisação de algumas colonias, chegou a ser tal que nellas se armavam navios de contrabandistas, ou para melhor dizer de piratas, que iam a corso pela costa. Estavam os mares do Brazil ainda peor do que nesse tempo os de Tunes e d'Argel. Seis caravelões preparados n'uma das capitanias do Sul foram á Parahiba do Norte tratar por sua conta com os Indios e *fazer brazil*, para vender não sabemos onde. O capitão de Itamaracá asylava naquella ilha os que fugiam de Olinda, para escapar ao merecido castigo a que por seus delictos os condemnava o severo Duarte Coelho, que apezar da repugnancia que tinha de desmoralisar perante os Indios o prestigio dos seus patricios pervertidos, teve alguma vez de mandar enforcar alguns por incorrigiveis. Um certo Henrique Luiz e outros da capitania do Espirito Santo foram a Campos; e sob pretextos de resgate apanharam a bordo um chefe indio, e o foram entregar (naturalmente a troco de alguma vantagem) a seu maior inimigo. Todo o gentio de Campos se vingou da aleivosia, assaltando a colonia de Pero de Goes, queimando-lhe os canaviaes, e hostilisando-o a tal ponto que se viu obrigado a evacuar, como fica dito na secção precedente.

Alguns navios traziam de Portugal colonos contra sua vontade; e succedeu que estes se levantavam, deixando n'algum porto menos frequentado o capitão, e mais gente que se não associava a elles, e seguiam o rumo que lhes parecia. Um dos taes navios foi á Bahia vender roupas, e d'ahi se passou aos Ilheos, e quem sabe se depois á Tur-

SEC. XIV.

quia, onde a pirateria contra os christãos seria por ventura virtude, como era heroicidade nos tempos dos primeiros povos da Grecia, que se deram á navegação. Desta praga de piratas provieram por muito tempo as queixas e rivalidades de umas capitanias para as outras, á custa das quaes viviam os inimigos.

Assim, a intelligencia que alguns donatarios queriam dar ao homisio e couto, fazendo-o extensivo aos crimes commettidos nas capitanias, apresentava por absurdo que um criminoso poderia só no Brazil perpetrar doze crimes, e ter onze homisios successivos. Já em 1546 se queixára a tal respeito o velho Duarte Coelho, pedindo ao rei que ordenasse aos outros donatarios e seus capitães que satisfizessem ás precatorias para entregarem os criminosos; porêm nada tinha conseguido.—Dahi odios e rixas entre os capitães e as capitanias, que infelizmente medraram, e alguns duravam ainda ha pouco, com grande prejuizo da causa popular.

Os degradados que as penas da legislação e o mal entendido zêlo do governo pelo Brazil agora começavam a mandar em maior número, concorriam a augmentar a triste situação das capitanias. Verdade é que a Pernambuco é que cabiam mais geralmente em partilha as taes remessas, por ser conhecido o rigor com que os sabia levar seu velho donatario, que a final se viu obrigado a representar contra esse abuso em uma carta dirigida ao rei [1]: «Certifico á V. A., e lh'o juro pela hora da morte, que nenhum fructo nem bem fazem na terra, mas muito mal. Creia V. A. que são peores cá na terra que peste; pelo que peço a V. A. que pelo amor de Deus tal peçonha me cá não mande.» Alguns de taes degradados conseguiam fugir para as outras capitanias, sobretudo para aquellas onde não estavam os donatarios em pessôa.—Nellas se insinuavam com os capitães ou administradores, que, tendo em tudo a mesma alçada e autoridade que os donatarios, em certas causas mais que a da Casa do civel da corte, ou os protegiam directamente, ou pela protecção que davam aos seus amigos, com cargos ficticios de tabelliães, inquiridores, e outros, concorriam a dispensar a estes dos mais trabalhosos e im-

[1] Carta de Duarte Coelho de 20 de Dezembro de 1546.

SEC. XIV.

portantes naquelles tempos, como eram os do concelho; de modo que estes vinham ás vezes a ser desempenhados por degradados por culpas d'infamia e *desorelhados*. Ja se vê que impossivel fôra advogar a opinião de que para a colonisação do Brazil não concorreram alguns degradados. Em Portugal os habitantes pervertidos moralmente com tantas fortunas, bem ou mal adquiridas na Africa, e principalmente na India, ja não eram os mesmos do seculo anterior. O espirito de cavallaria tinha perecido, e com elle o desinteresse, a boa fé, e a ambição de glória nascida da elevação do espirito. O desejo de conquista nascia só da cobiça. Os crimes não tinham fim, e os legisladores, conhecendo que eram insufficientes todos os esforços e rigores do Livro quinto das ordenações para fazer barreira ao vicio que estava menos no homem que na sociedade, viam-se obrigados a commutar em degredos muitas condemnações á morte.

Assim pensamos que com narrar os factos como se passaram em nada degraduamos a actualidade, tanto mais quando é bem sabido como nas aristocraticas capitanias de Pernambuco, S. Vicente, e ao depois na da Bahia, donde procederam os povoadores do Rio de Janeiro, Maranhão e Minas, as familias principaes, fazendo timbre da sua origem, se extremaram sempre evitando allianças com individuos cujos precedentes não conheciam. Isto sem levar em conta que os povos não começam em geral aristocraticamente, e que a origem dos nobres patricios de Roma provinha dos estupros commettidos nas Sabinas pelos bandidos que as roubaram. Se no seu tempo [1] Barros ponderava a origem humilde da nobreza das ilhas adjacentes a Portugal (Madeira e Açôres), ja enlaçada com os descendentes dos companheiros de Affonso Henriques, com igual razão podéra hoje notar a mescla genealogica, não só da raça portugueza com a asiatica, como da dos descendentes dos companheiros de Pelayo, com as dos caciques da America, ou com a do tecelão [2] da opulenta patria dos Dorias e rival de Veneza.

Voltando porêm ao nosso assumpto, de que nos desviámos, cumpre saber que a desmoralisação e irreligiosidade

[1] Barros, II, 5.º, 11.
[2] O pae de Colombo era tecelão de Genova.

em várias das capitanias nascentes chegou a tal ponto que se commettiam assassinatos, entrando no número dos criminosos alguns ecclesiasticos. Muitos destes, não só deixavam de cumprir os preceitos da Igreja, como, ás escancras, faltavam á sociedade, vivendo escandalosamente na polygamia. Colono houve em Pernambuco que se lançou á vida gentilica, da qual apenas saiu quando se lhe offereceu mais tarde occasião de ir ver seus pais em Portugal. Alguns Indios depois de ja christianisados e domesticados, e de haverem até feito viagens á Europa, voltavam por qualquer capricho á vida selvagem [1]. Em poucas palavras: a religião e a moral, primeiras columnas da humana felicidade, estavam abaladas, ou antes tombadas; a honradez que deve presidir nos negocios publicos como nos particulares cedia o passo ao cynico egoismo; e já quasi começava a justiça equitativa, e por conseguinte a boa fé e a confiança, a fugir desta terra. SEC. XIV.

Mas outro perigo crescente punha em maior risco a ruina e a perda do Brazil. Eram as náos francezas; as quaes não passando anteriormente do Cabo de Santo Agostinho, ou quando muito da Bahia, desde que estas terras tiveram donatarios, se avezaram ao Cabo Frio e Rio de Janeiro, Ilhà Grande e Ubatuba, de modo que ja por estes portos não ousavam mostrar vela os navios portuguezes. A Bretanha e a Normandia consideravam as terras do Brazil tão suas como o proprio Portugal. Até á França levavam Indios, e em vez de torneio chegaram a representar em Ruão um combate e festim de nossos selvagens [2]. 1550, Out. 1 e 2.

A longiqua colonia de S. Vicente, que até então tinha crescido com a paz em prosperidade, esteve, em consequencia do trato dos navios francezes, em termos de ver cortadas as suas relações com a mãe-patria.

Foi dessa capitania de S. Vicente, que tão célebre devia um dia fazer-se nos annaes brazilienses, que partiu o brado mais energico, pelo qual a Côrte se inteirou bem ao vivo do perigo em que estava todo o Brazil. Levantou esse brado Luiz de Goes, irmão do donatario de Campos, e ao depois jesuita, a quem a Europa deveu a primeira planta

[1] Veja o folheto publicado em 1551 pelos jesuitas, intitulado «Cópia de unas cartas, etc.», f. 8 e 10.

[2] Veja o interessante folheto publicado em 1850 pelo Sr. F. Denis. «Une fête brésilienne, etc.»

SEC. XIV.

de tabaco que recebeu d'America. Goes em uma carta datada de Santos, depois de um preambulo de submissão e humildade, levanta assim a voz: «Se com tempo e brevidade V. A. não soccorre estas capitanias e costa do Brazil,.., ainda que nós percamos as vidas e fazendas, V. A. perderá a terra.» Como se não estivesse bem seguro do apreço que a côrte daria á perda do Brazil, por muito embriagada com o Oriente, acrescenta: «e que n'isto perca pouco aventura a perder muito... queira Deus não se vão (os Francezes) a dobrar o Cabo da Boa Esperança.» E receoso ainda de que não fosse bastante o ter falado assim ao interesse, tenta tambem demover a piedade: «Soccorra V. A., e com braço forte, que tudo se ha mister, e se não o mover a terra e os inconvenientes acima ditos, haja V. A. piedade de muitas almas christans.» Finalmente depois de ponderar que no Brazil tinha gasto mais do que possuia, e o melhor tempo de sua vida, conclue: «O que me fica para gastar é a minha vida e a de minha mulher e de meus filhos, das quaes a Deus e a V. A. farei sacrificio, e, em mentes nos durar, sempre rogaremos a Deus pela vida e Estado de V. A.»

1548. Mai., 12.

A eloquentes instancias de Goes, ja precedidas dos avisos prudentes de Coelho, e das noticias do desastroso caso do donatario da Bahia, levaram o Governo a adoptar a final meios mais heroicos para fazer articular de novo o corpo que se desmembrava. No principio do anno anterior, com a chegada da noticia da perda da capitania da Bahia, o Governo ou verdadeiramente então Fernand'Alvares de Andrade, que tomára a si os negocios do Brazil, chegára a mandar armar um navio de colonos, no qual deviam ir com socorros Henrique Mendes de Vasconcellos e Jorge Pimentel. Depois houve plano de criar uma companhia de armadores em grande, talvez semelhante ás de commercio que mais para o diante se estabeleceram; porêm a final, graças á presença na côrte, de Pero de Goes, e á sua illustração e genio altivo, se assentou, em fim do mencionado anno de 1548, no melhor partido, qual o de criar no Brazil um centro de poder, para accudir onde houvesse mais necessidade. Foi tambem resolvido que se retirassem aos donatarios algumas das perrogativas de que não tinham sabido usar convenientemente, como a alçada que no civel

1547.